

# Diário dos Açores: o elo de ligação e acontecimentos históricos

POR ANA CATARINA ROSA

Informar os açorianos tem sido desde o início da sua história, o principal objectivo do Diário dos Açores. Desde a sua criação, para além de ser o meio de comunicação que ligava os açorianos a nível regional, o mesmo também era um via para estar em constante contacto com as notícias a nível nacional e internacional, assinalando acontecimentos que acabaram por ser o elo de ligação do Arquipélago dos Açores com o restante do mundo.

No dia em que comemora o seu 153º aniversário, relembremos algumas notícias que ganharam destaque pela consequente influência dos mesmos no Região Autónoma dos Açores, revivendo em simultâneo o porquê do Diário dos Açores continuar a deter o título do jornal diário mais antigo dos Açores.

## Regicídio de 1908

O dia 1 de Fevereiro de 1908 assinalou um dos acontecimentos mais marcantes da história de país e que futuramente contribuiria para o “ruir” da monarquia em Portugal.

O designando regicídio ficou perpetuado pelos assassinatos do Rei D. Carlos I de Portugal e dos Algarves e do seu herdeiro Luís Filipe, Príncipe Real de Portugal às mãos de simpatizantes dos interesses republicanos, na Praça do Comércio.

Para esta tragédia contribuíram as eleições de 1906, cuja vitória do partido chefiado por João Franco e respectivas medidas adoptadas cooperaram para o crescente descontentamento por parte dos revolucionários republicanos.

A trajectória traçada pelo Partido Republicano Português para a erosão do

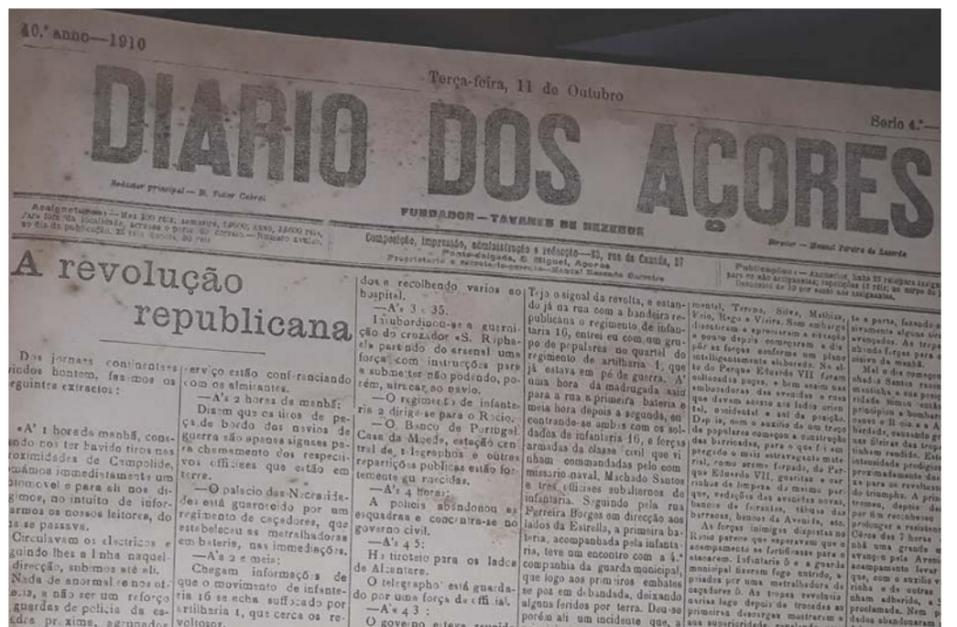
sistema partidário vigente, bem como a tentativa por parte do rei D. Carlos, de agir como mediador do sistema político, apoiando o Partido Regenerador Liberal de João Franco, colaboraram para o desagrado do Partido Republicano Português.

Contudo, o constituir de uma ditadura por parte de João Franco, com o total apoio do então rei D. Carlos e a respectiva suspensão da Carta Constitucional em 1907, conduziram ao despoletar dos acontecimentos trágicos.

Esta fatalidade foi noticiada pelo Diário dos Açores, na “Secção Telegraphica”: “No momento em que o rei e o príncipe passavam pelo Terreiro do Paço, um indivíduo descarregou contra elles uma carabina, ficando o rei ferido”, indicou naquela altura o jornal, confirmando ainda a morte de ambos: “O rei e o príncipe atingidos por tiros de carabina, morreram. A policia descarregou sobre trez regicidas, ficando estes também mortos.”

Entretanto, dias mais tarde, o diário contextualizava os acontecimentos, relatando os momentos que antecederam ao desfecho trágico: “Esse individuo avançou para a carruagem, subiu-lhe ás trazeiras e disparou contra o Sr. D. Carlos num tiro que o alcançou no lado esquerdo do thorax. (...) O Senhor D. Carlos levou as mãos á cabeça e tombou immediatamente sobre o lado direito, enquanto varias pessoas caíam sobre o regicida”, descrevendo ainda os eventos que culminariam também no assassinato do então príncipe primogénito e futuro monarca português: “enquanto isto se passava, um individuo alto, de bigode e barbas negras, envergando um grosso varino, que se achava postado junto ao ministério do reino, tirou de debaixo do capote uma carabina e, avançando para a carruagem, cujo cocheiro, desvairado, tocava os cavallos, disparou um tiro sobre o príncipe real, attingindo-o na face, tiro que foi logo seguido de um outro, que o alcançou no peito” (...) “a carruagem real penetrou no portão de ferro do Arsenal com a rainha e o infante em lacrimoso pranto, soltando gritos de dor. O senhor D. Carlos morrera instantaneamente e o príncipe real ao transpor esse portão, soltava o derradeiro suspiro”, pormenorizava o periódico naquela edição.

A 11 de Fevereiro de 1906, era destaque na primeira página do Diário a subida ao trono do então sucessor, D. Manuel II, que por ventura, viria a ser o último monarca português: “Portugueses! — um abominável attentado veio opprimir com a maior amargura o Meu coração filho amantíssimo e de irmão extremoso, e enlutar a Família Real e a toda a Nação, pondo o mais prematura termo á preciosa vida de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I, Meu augusto e muito amado Pae e á de Sua Alteza Real, o Senhor D. Luiz Philippe, Meu muito querido Irmão. (...) N’esta desventurada conjectura sou chamado, pela Constituição da Monarchia, a presidir aos



destinos do Reino, na sua conformidade e no desempenho d’essa elevada missão empenharei todos os Meus esforços pelo bem da Patria, e por merecer a affeição do povo portuguez”, lia-se.

Todavia, a falta de preparação do monarca para governar e a fúria republicana contra a monarquia, só embolsaram a já inevitável revolução e consequente implantação da Republica portuguesa.

## Implantação da Republica Portuguesa 1910

A implantação da Republica marcou a história do país, dando por findada até então 4 dinastias monárquicas em Portugal.

O acontecimento que viria a mudar a trajectória do país ocorreu da revolução organizada pelo Partido Republicano Português, que saíra vitorioso na madrugada de 5 de Outubro de 1910, com a destituição da monarquia constitucional e consequente implantação do Regime Republicano em Portugal.

O novo governo provisório foi chefiado por Teófilo Braga que administrou o país até à aprovação da Constituição de 1911, dando assim início à Primeira Republica.

Com as constantes insurreições que muito anteviam o cair desta “instituição”, a incerteza por parte da informação recepcionada pelo jornal, deixava em dúvida o que realmente se avizinhava nos dias antecedentes ao evento. A verdade é que a 5 de Outubro, foi reportado, por via telegráfica, o sucesso do partido republicano: “Foi proclamada a republica. Os regimentos de artilharia 1 e caçadores 16 licaram vitoriosos”, anunciou o Diário dos Açores, continuando: “O sr. Dr. Theophilo Braga assumiu a presidência do governo; Affonso Costa, justiça; Bernardino Machado, estrangeiros; Basilio Telles, fazenda; Antonio Luiz Gomes, obras publicas; coronel Barreto, general Antonio Jose d’Almeida, interior; Amado Azevedo Fomes, marinha. O sr. Eusebio Leão foi nomeado governador

civil de Lisboa”.

Com a formação do novo governo, foram tomadas decisões e nomeados governadores de distritos. No caso dos Açores, o governo provisório da república nomeava como governador do distrito de Ponta Delgada, Francisco Luiz Tavares, solicitando que o mesmo entrasse em funções de imediato. A mesma edição comunicava que o Comando Militar dos Açores hasteasse a nova bandeira que representava agora a pátria portuguesa: “Devendo hoje, pelas 3 horas da tarde, ser hasteada a bandeira que symbolisa a Patria Portuguesa sob o regime republicano, com que se dotou para continuar a sua gloriosa historia, uma das phases da qual, e das mais brilhantes, é representada pela actual bandeira, a cuja sombra correu tanto sangue generoso de heroes, já nas lutas pela liberdade (...)”.

Por seu turno, a mudança da bandeira seria a primeira de muitas, a que se sucederiam outros símbolos nacionais.

## Vulcão dos Capelinhos 1957

O Diário dos Açores, não informou os açorianos apenas de momentos do panorama nacional, este também foi o elo de ligação mais directo entre as ilhas do Arquipélago durante muitas décadas, acabando por ligar histórias e momentos determinantes da história da região.

O eclodir do vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, foi um desses eventos que marcou um dos períodos mais agitados e históricos da região. Durante 13 meses, a Diário dos Açores acompanhou este evento, tendo sido o mesmo muitas vezes, manchete na primeira página dada a imprevisibilidade do fenómeno natural quase irreal.

Desde a primeiro dia que este acontecimento foi destaque: “Depois de se registar durante dias uma série de abalos, rebentou hoje de manhã, a 400 metros dos Capelinhos, um vulcão que causou pânico nas populações das freguesias vizinhas, especialmente nas de Capelo e Praia do Norte.

